

D.M^{II}

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

Tiago Rodrigues

IFIGÉNIA AGAMÉMNON ELECTRA

BICHODOMATO

© Tiago Rodrigues, 2015

© TNDM II & Bicho-do-Mato, 2015

Título original: *Ifigénia, Agamémnon, Electra*

Revisão: Marta Olias

Paginação: BdM

Conceção gráfica da coleção: Patrícia Flôr

Local e data de edição: Lisboa, 2015

Impressão e acabamento: Cafilesa

Depósito Legal: 397763/15

ISBN: 978-989-8349-37-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob qualquer forma (eletrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia autorização por escrito da editora e do Teatro Nacional D. Maria II.

www.bicho-do-mato.pt

IFIGÉNIA AGAMÉMNON ELECTRA

DE **Tiago Rodrigues**

D.M^{II}

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

BICHODMATO

Ifigénia, Agamémnon e Electra estrearam na Sala Garrett do TNDM II
a 11, 12 e 13 de setembro de 2015, respetivamente,
numa coprodução com o Teatro Viriato,
com encenação de Tiago Rodrigues

IFIGÉNIA

AGAMÉMNON Miguel Borges

CLITEMNESTRA Isabel Abreu

MENELAU João Grosso

IFIGÉNIA Ana Valente

AQUILES Marco Mendonça

ULISSES José Neves

VELHO Maria Amélia Matta

Coro

Ana Tang

Flávia Gusmão

Lúcia Maria

Sandra Pereira

AGAMÉMNON

CLITEMNESTRA Paula Mora

AGAMÉMNON José Neves

CASSANDRA Isabel Abreu

EGISTO João Grosso

ELECTRA Ana Tang

VELHO Maria Amélia Matta

Coro

Ana Águas

Ana Valente

Manuel Coelho

Víctor Yovani

ELECTRA

ELECTRA Flávia Gusmão

ORESTES Miguel Borges

CLITEMNESTRA Lúcia Maria

EGISTO Manuel Coelho

PÍLADES Marco Mendonça

LAVRADOR Vítor Yovani

VELHO Maria Amélia Matta

Coro

Ana Água

Paula Mora

Sandra Pereira

Ifigénia

Cena 1

CORO Lembro-me de que no início é de madrugada
Quase não há luz
Estamos aqui, na baía de Áulis, e vemos as Plêiades
E quando dizemos que aquilo ali no alto são as Plêiades
Uma constelação de estrelas ainda visível à luz da alvorada
Vocês sabem perfeitamente que não é verdade
Quando dizemos que ali ao fundo é a Baía de Áulis
Onde está estacionada a multidão dos navios gregos
Esperando que se levante o vento que os levará para a guerra
Quando dizemos que ali estão os soldados
Vindos de Argos, da Beócia, da Ática, da Fócida e da Lócrida
Vindos das ilhas, vindos de toda a Grécia
Quando dizemos que Menelau trouxe mil navios
E Agamémnon outros tantos
Vocês sabem, e podem vê-lo, é evidente
Que nada disso é verdade
E mesmo assim vocês confiam no que vos dizemos
Porque se lembram como nós nos lembramos
Não confiam nas luzes, que são a memória das Plêiades
Não confiam nos panos, nos corpos, no espaço
Que são a memória de Áulis e dos gregos
Confiam na tragédia
Confiam no que se lembram da tragédia
Confiam porque a tragédia é de confiança
Acaba sempre mal

De cada vez que a começamos
Sabemos que a tragédia vai acabar mal
E isso dá-vos confiança, porque se lembram
Podem mudar as luzes, os panos, os corpos, o espaço
Podem mudar os detalhes, as palavras, os sorrisos e as vozes
Mas a tragédia termina como sempre: mal
E assim, confiantes, começamos

Cena 2

CORO Lembro-me de que havia um coro
Um coro de mulheres
Eram todas mulheres?
Todas mulheres
Todas mulheres e estavam zangadas
Somos o coro das mulheres zangadas
Mulheres de todos os tipos
Velhas, novas, bonitas, feias, altas e baixas
Todas zangadas
Somos um coro zangado
Estamos zangadas com a história que contamos
Estamos zangadas porque contamos sempre a mesma história
Estamos zangadas porque nos lembramos
Lembramo-nos como se fosse aqui e agora
O aqui e agora que é o dia antes da guerra
Estamos zangadas por estar de volta à baía de Áulis
Onde as quilhas dos barcos apodrecem porque falta o vento
Nem uma brisa
O que nos deixa ainda mais zangadas
As velas dos barcos são flores murchas
E os soldados, os nossos maridos, murcham também

Enquanto esperam nas suas tendas
Só as mulheres sabem florir enquanto esperam
Os homens murcham, impacientam-se, adormecem
E nós estamos zangadas porque amanhece outra vez
Estamos zangadas porque sabemos o que vai acontecer
Estamos zangadas porque os homens
Vindos de toda a Grécia
Cada um com o seu chefe
Se reuniram aqui por causa de Helena
Para a resgatar ou vingar, ou seja lá o que for
Juntaram-se aqui porque Páris levou Helena
Ou Helena se deixou levar por Páris
É toda uma discussão que ainda não tem resposta
Depende das fontes e das opiniões
Mas Helena está em Troia
E Menelau, traído ou roubado ou abandonado
Ou seja lá o que for
Menelau exigiu a todos os gregos que se juntassem
Que declarassem guerra a Troia
Que destruíssem esse lugar para onde se escapou
Ou foi levada, à força ou de livre vontade
A mais bela das mulheres: Helena
Mas o que é isso da beleza?
É uma mulher perfeita?
Helena é perfeita
Ou será mais bela a mulher imperfeita?
Helena também é imperfeita
Será um corpo que desperta os sentidos?
Helena desperta os sentidos
Ou é uma ideia, pura e intocável?
Helena não é mais que uma ideia

Agamémnon olha para o mensageiro. Não consegue vê-lo bem. Tudo se confunde. Não. É Clitemnestra quem o olha. Agamémnon não olha para o mensageiro. É Clitemnestra. Agamémnon olha para o mar. O mensageiro fala. O que diz? Um milagre. Sim, é isso. Um milagre. Um clarão no instante do sacrifício. Imagens soltas. Tudo se confunde. Um milagre. Intervenção divina. Ifigénia salva no último momento por um deus ou uma deusa. Uma deusa? Sim, uma deusa. Ifigénia substituída por um veado no altar. Um clarão e depois um veado. E Ifigénia levada pelos ares. Ou desaparecida. O sangue espalhado pelo chão. Sangue do veado. Os gregos aplaudem. Milagre. Ifigénia não morreu, foi levada.

AGAMÉMNON Ifigénia foi salva.

CLITEMNESTRA A minha filha, salva por uma deusa? E onde está ela?

MENSAGEIRO Não sei. Longe. Tudo se confunde.

CLITEMNESTRA Se foi salva, porque não está aqui? Como não ver nisto uma história destinada a consolar-nos? Os deuses não são também do exército do inevitável? Sim. Os deuses são as histórias que nos contam para que nos lembremos de outra maneira do que realmente aconteceu. A minha filha. O que é isto?

AGAMÉMNON É vento.

Fim